

CINEMA E ARQUEOLOGIA: LEITURAS DE GÊNERO SOBRE A POMPÉIA ROMANA

Lourdes Conde Feitosa

Universidade Sagrado Coração – Bauru/SP

Universidade Estadual de Campinas

E-mail: lucondef@bol.com.br

Resumo: Em Cinema e arqueologia são apresentados os avanços das pesquisas sobre mulher e gênero na sociedade romana do primeiro século d. C. Analisa-se a atuação social feminina, em particular de Eumáquia, por meio de fontes materiais encontradas no sítio arqueológico da Pompéia Romana. Mediante a análise arqueológica, é proposto um questionamento da imagem de Eumáquia apresentada no documentário Pompeia – o último dia. Reflete-se a respeito do significado do termo “documentário” e como o seu confronto com as fontes materiais favorece uma análise de gênero para a sociedade romana e a percepção de ideias de senso comum transpostas para a Antiguidade.

Palavras-chave: cinema; arqueologia; gênero

As abordagens feministas, amplamente discutidas nas últimas quatro décadas, colocaram em debate o papel das mulheres na história, procurando compreender as diferenças instituídas entre os sexos e as relações de poder estabelecidas entre eles. Até os anos 1960, grande parte da historiografia e, de maneira geral, a que tratava da Antiguidade, pouca atenção destinou às mulheres, pois o interesse corrente estava nas cenas de guerras e nas disputas políticas, espaços nos quais *elas* pouco apareciam (PERROT, 1989, p. 9-18), à exceção de alguns poucos estudos relacionados às mulheres chamadas célebres como, por exemplo, a história de Messalina, de Cleópatra, de Lívia ou Penélope (LÓPEZ, 1994, p. 37-40).

Essas discussões feministas vieram acompanhadas de uma recolocação dos princípios teóricos das ciências humanas, até então pouco atentos às experiências femininas. Alargou-se o conceito de documento histórico e, além dos tradicionais escritos oficiais, também ganharam valor documental a iconografia, a numismática e muitos outros vestígios arqueológicos, permitindo, desde então, “trazer para a História” as experiências e os olhares femininos. Sobre a história antiga romana, esses estudos têm permitido rever as áreas de atuação tradicionalmente atribuídas às mulheres, bem como repensar conceitos como “público” e “privado”, formas de atuação política e os fundamentos, composição e participação dos grupos sociais nas diversas esferas da organização social.

É possível perceber nos estudos sobre mulheres, publicados de 1960 a 1980, o objetivo de trazer à luz quem eram e quais as atividades e papéis sociais desempenhados por elas na sociedade em que viviam, juntamente com discussões mais particularizadas sobre a sua influência e participação nas esferas de poder. Ampliaram-se os estudos sobre as mulheres romanas, principalmente daquelas pertencentes a grupos aristocráticos, e inúmeros documentos como moedas, inscrições, estátuas e tumbas funerárias passaram a ser utilizados como evidências da participação de muitas delas no meio público.

No estudo sobre mulheres não aristocráticas, a pesquisa de Michele D’Avino, *La donna a Pompei* (D’AVINO, 1964), também baseada em evidências epigráficas, inscrições e grafites pompeianos, ofereceu informações gerais a respeito da participação dessas mulheres na vida pública da cidade. A sua valiosa contribuição está na apresentação de atividades desempenhadas por aquelas das “classes baixas” – plebeias, livres e escravas – em suas atividades de trabalho e na política local, apoiando candidatos em escrutínios locais.

Das diversas pesquisas sobre mulheres trabalhadoras romanas, publicadas a partir daquele momento, destacam-se as análises inovadoras de LeGall (1970) e Treggiari (1975 e 1976), cuja proposta foi reunir informações sobre os ofícios

desempenhados com o *status* social e familiar dessas trabalhadoras. Em 1981, Natalie Kampen publica *Image and status: Roman working women in Ostia*. A autora utiliza imagens de trabalhadoras esculpidas em relevos de Óstia (Itália) para examinar concepções apresentadas a respeito delas, em uma discussão inicial de classe e gênero. Ainda nos anos 1980, Bernstein publicou *The public role of Pompeian Women*, em que destacou a participação feminina, de diferentes estratos sociais, na vida pública e social de Pompeia. Desenvolve o trabalho apoiado em documentos epigráficos e arqueológicos, que são particularmente importantes para o conhecimento do mundo do trabalho urbano no âmbito popular.

As reflexões feministas impulsionaram os estudos sobre as mulheres em diversos períodos históricos, mas é com a análise das relações de gênero que a questão feminina passa a ser discutida em confronto com a masculina. Com a influência das reflexões pós-modernistas e pós-estruturalistas, e a valorização do diverso e do heterogêneo no interior das sociedades, as discussões das epistemologias femininas ganharam complexidade com os estudos de gênero, que passam a abordar os conceitos de feminino e masculino sob uma perspectiva relacional e cultural (SCOTT, 1988; TILLY, 1990 e RAGO, 1998).

Essas análises ampliaram o campo da discussão e acirraram os debates em torno da construção dos conceitos de “feminino” e “masculino”, apresentando diferentes e, até mesmo, divergentes abordagens e trajetórias pelas quais os estudos de gênero têm sido formulados e, polemicamente, utilizados em diversas áreas do conhecimento (BESSA, 1998). Para os estudos de sociedades antigas, a análise de gênero ganha maior destaque a partir dos anos de 1990, mas é ainda muito discutida e ambígua para aqueles que desejam enveredar por essa área (RABINOWITZ, RICHLIN, 1993). Usados cada vez com mais frequência nos últimos anos, uma preocupação ainda presente é com o emprego desses conceitos em conotação vaga e geral para designar apenas a existência de homens e mulheres, como categorias fixas e universais, conferindo-lhes um sentido descritivo, neutro e consensual (PANTEL, 1993, p. 595-96).

Isso tem sentido na medida em que, em diferentes tradições culturais, as noções das identidades – homens ou mulheres – são variadas e podem, ou não, estar relacionadas ao aspecto físico (CAPLAN, 1996). Há sociedades que constroem o significado de gênero em uma associação direta com o sexo biológico, fato até pouco tempo aceito, sem discussão, em diversas sociedades contemporâneas, e ainda fortemente presente em seu imaginário, como é o caso da nossa. Mas os atributos que definem o masculino e o feminino não são, nem foram sempre idênticos (SENA, 1992, p. 31). Por esta ótica, as reflexões de gênero valorizam as relações criadas entre os indivíduos, marcadas por conflitos e diversidades e

pela influência cultural e histórica em que foram e são articuladas, como fundamentais para a compreensão dos conceitos “homem” e “mulher” (SCOTT, 1995, p. 86-87; HEILBORN, 1992, p. 93; MONTSERRAT, 2000, p. 164).

Essa observação é particularmente importante para a análise do Império Romano. A composição desse imenso império emaranhado de latinos, gálatas, egípcios, béticos, germanos, dácios, gregos, entre tantos outros, denota diversidades jurídicas, econômicas, étnicas, de idade, sexo, profissão e língua que acabam sendo camufladas e simplificadas pela expressão “povo romano”. Variedades que interferiam no lugar social ocupado pelos diferentes indivíduos e que são elementos importantes a serem considerados pelo pesquisador interessado em uma análise de gênero e de poder no mundo antigo (FUNARI, 1995, p. 180; SKINNER, 1997, p. 13). Isso não significa desconsiderar o caráter patriarcal da sociedade romana e o monopólio das relações públicas e dos cargos políticos por determinados homens, mas é preciso cuidado em não transferir, para o passado, sentidos atuais, formulados para diferentes conceitos. Essa transposição e a conclusão de uma inferioridade e opressão social feminina romana, tomada como “natural” em uma sociedade “falocêntrica”, há anos vem sendo questionada.

Como mencionado, a releitura de obras literárias e o uso de outras evidências históricas, como as fontes epigráficas, arqueológicas e iconográficas, têm possibilitado alterar essa transposição de valores e situações atuais para a Antiguidade e rever os significados que conceitos como, por exemplo, *pater familias*, participação política, espaço público e privado, cidadania, poderiam ter adquirido na sociedade romana (FOLEY, 1981; FEITOSA, 2005; FUNARI, FEITOSA, SILVA, 2003).

Esses registros históricos certificam possibilidades financeiras e de participação de pompeianas na organização da cidade e, ainda, a necessidade de releituras de seu papel na sociedade romana. Como diz López:

[...] es fundamental considerar la existencia de sociedades donde los roles sociales no se corresponden en su atribución sexual a los modelos de dominio o sumisión con los que se identifica en los tiempos modernos, e incluso, en sociedades definidas claramente como patriarcales pueden existir perfiles no tan definidos en su atribución como nos imaginamos desde nuestra perspectiva actual. (LÓPEZ, 1994, p. 44).

Assim, mais do que a aprovação irrestrita de um domínio do “homem” é importante estar atento aos variados exemplos de atuação social e de papéis desempenhados pelos “masculinos” e os “femininos”, o que propicia uma abertura para o conhecimento do heterogêneo, do diverso e da complexidade que envolvia as relações sociais e históricas romanas. É esse aspecto que analisaremos, a seguir, a partir das referências sobre a pompeiana Eumáquia.

Eumáquia: referências arqueológicas

Eumáquia foi uma pompeiana que viveu no século I d. C. e da qual temos informações por meio da documentação material encontrada no sítio arqueológico de Pompeia, colônia romana soterrada por uma das erupções do vulcão Vesúvio, no ano de 79 d. C. Redescoberta no século XVIII e ainda em processo de escavação, a Pompeia Romana (atual sítio arqueológico de Pompeia) tem revelado ricos detalhes do cotidiano de seus habitantes. O número e a diversidade de estátuas, pinturas, mosaicos e inscrições parietais, além de valorosas peças ornamentais, instrumentos cirúrgicos, utensílios domésticos, moedas e muitos outros objetos formam um conjunto raro de fontes que estimulam o desenvolvimento de estudos sobre a sua história, bem como de aspectos diversos da própria organização da sociedade romana. Essa documentação material é valiosa porque constitui uma fonte alternativa às informações expressas em fontes literárias, permitindo ampliar ou questionar muitos dados destas últimas.

Em Pompeia, como também na Itália, durante o Império, e na Grécia e Ásia Menor, durante o período helenístico e romano, frequentemente mulheres aristocráticas eram responsáveis por benefícios e construções públicas; pelo apoio financeiro a jogos e pela distribuição de alimentos; pelo patrocínio a corporações de ofício e pelo gerenciamento de propriedades particulares e de negócios familiares. Seus nomes podem ser encontrados em pórticos, termas, moedas e monumentos que lembram a sua participação financeira na realização de jogos e na distribuição de alimentos (CAMERON, KUHRT, 1983; BOATWRIGHT, 1991; RAWSON, 1995; DIMOPOULOU, 1999; HEMELRIJK, 1999). Estes registros históricos nos levam a certificar o *status* financeiro e a independência de muitas mulheres romanas.

É importante observar que a dedicação à coisa pública por meios de encargos da distribuição pública, citados anteriormente, constituía-se em uma das atribuições essenciais da cidadania romana (NICOLET, 1991, p. 24-30) e, dessa forma, mulheres participavam, de uma maneira mais ou menos direta, de decisões comuns da comunidade, embora não tivessem a cidadania política. Assim, parece razoável aceitar que a sua participação na organização do espaço comunitário em que viviam era um sinal de sua atuação política nas esferas de poder local.

A presença feminina pode ser observada em outro espaço, até alguns anos atrás, considerado como essencialmente masculino: a participação em campanhas políticas. Na cidade de Pompeia, foram encontrados cartazes de propaganda política do século I d.C., denominados *programmata*, que nos mostram o apoio feminino a candidatos locais dado por mulheres abastadas, mas também prostitutas, trabalhadoras, donas de tabernas, escravas, libertas,

esposas com ou sem seus maridos, entre diversas outras (BERNSTEIN, 1987; FEITOSA, FAVERSANI, 2002/3).

Procurando analisar algumas justificativas que levariam mulheres a apoiarem publicamente candidatos, mesmo sem a possibilidade de votar ou ser votada, uma razão poderia estar no fato de exercerem poder político por meio da *amicitia* e clientela. Mas esta não é a única possibilidade, pois, como visto acima, entre as assinaturas presentes nos cartazes encontram-se nomes de mulheres de diferentes *status* sociais, incluindo o de libertas e escravas, teoricamente sem recursos financeiros para barganhas políticas. O que parece ser determinante no caso das simpatias femininas eram as suas relações clientelísticas, nas quais colocavam a serviço de seu candidato uma rede de relações pessoais razoavelmente expandida e não apenas seu apoio pessoal. Deste modo, como sugere Savunen (1995, p. 194-206), os *programmata* podem ser vistos como uma atividade coletiva da qual mulheres ricas e pobres faziam parte como membros ativos, expressando suas opiniões, discutindo política, apoiando e indicando candidatos e que, talvez, essa participação na organização da comunidade fosse mais importante do que as próprias eleições.

Na cidade de Pompeia, uma das mais notáveis pompeianas de que se tem registro é Eumáquia, mencionada em uma inscrição celebrativa e em uma estátua honorífica encontradas na entrada do grandioso edifício dos *fullones* (os que preparam o pano depois de tecido),¹ sede de uma das maiores corporações de ofício de Pompeia, a têxtil, da qual era patrona (Fig.1).

Por meio da análise de instrumentos de trabalho e oficinas especializadas no processo de transformação da matéria-prima em tecido (fibras naturais de plantas e animais, principalmente a lã de carneiro, parte adquirida no local e outra importada de diversas regiões do império), é possível verificar a importância da produção, da tecnologia e do comércio têxtil em Pompeia e sua circulação no Império Romano. Desses estabelecimentos, foram encontrados, em Pompeia, 13 *officinae lanificariae*, responsáveis pela lavagem e tratamento das fibras; sete *officinae textoriae*, nas quais aquelas eram cardadas, alongadas, fiadas e tecidas e, para a finalização do processo, as *officinae tinctoriae* (nove na cidade), responsáveis pelo tingimento (D'ORAZIO, MARTUSCELLI, 1999). Os trabalhadores desse setor têxtil formavam uma grande corporação da qual Eumáquia era a patrona, como mencionado anteriormente. Sobre a importância e atuação dessa pompeiana, temos referências em três documentos materiais: sua estátua, a inscrição e o prédio, analisados a seguir.

¹ Cf. CIL, IV, 998, 2966, 3478, 3529, 4100, 4102, 4103, 4107, 4109, 4112, 4118 e 4120.

a) Imagem

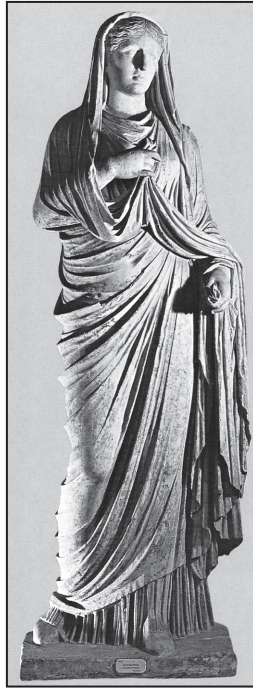


Fig. 1: Imagem de Eumáquia preservada no Museu Nacional de Nápoles (De FRANCISCIS, s/d, p. 91)

A representação de Eumáquia com o manto sobre o corpo, a divisão dos cabelos, o rosto harmoniosamente ovalado e sua expressão indefinida, com os olhos profundos e sonhadores é, segundo Étienne e De Franciscis, inspirada em modelos estatuarios gregos do século IV a. C., comumente retratados em estátuas romanas (De FRANCISCIS, s/d, p. 91; ÉTIENNE, 1971, p. 153).

Autores como D'Avino e Étienne consideram que Eumáquia, da gens dos Eumachii, deveria ser uma ativa e afortunada senhora de uma família proprietária de vinhedos e de indústria de ladrilhos, da qual se tem referência de outros membros como Lucius Eumachius Fuscus (candidato a edil em 32 d. C.), Lucius Eumachius Erotus e um Lucius Eumachius (D'AVINO, 1964, p. 33 e ÉTIENNE, 1971, p. 153).

b) Inscrição

Logo nas colunas de entrada do edifício encontra-se a inscrição que explicita a sua condição de sacerdotisa pública e patrona da associação dos *fullones*, com a qual contribuiu financeiramente para a construção do edifício:

EUMACHIA L F SACERD PUBL NOMINE SUO ET M NUMISTRI FRONTONIS FILI CHALCIDICUM CRYPTAM PORTICUS CONCORDIAE AUGUSTAE PIETATI SUA PECUNIA FECIT EADEMQUE DEDICAVIT (CIL, X, 810).

Eumáquia, filha de Lúcio, sacerdotisa pública, em seu nome e de seu filho M Numistro Frontão, fez, com sua pecúnia, a galeria do mercado, um criptopórtico e vestíbulos em honra à Concórdia Augusta e à Piedade [Augusta]. (Tradução nossa).

Étienne apresenta uma interessante leitura sobre a escolha das palavras utilizadas nesta inscrição: Piedade Augusta faria alusão aos sentimentos de Tibério para com sua mãe Lúvia, depois de sua enfermidade no ano de 22 d. C., e Concórdia celebraria a união sentimental do filho com a sua mãe. Para esse autor, não há dúvidas de que Eumáquia teria se inspirado naquele modelo de sentimento familiar, associando ao seu filho a dedicatória do monumento. Além disso, como sacerdotisa pública, também deveria render culto a Lúvia (ÉTIENNE, 1971, p. 153). O caso de Eumáquia é um dos exemplos da participação de mulheres abastadas na vida pública da cidade, atestada por meio desse conjunto de fontes materiais – inscrição, estátua e mausoléu – que não são perceptíveis na literatura.

c) Edifício

Segundo De Franciscis (s/d, p. 91), este edifício seria usado para depósito e venda de lã e de tecidos, tese com a qual Étienne concorda, embora saliente que a suntuosidade do edifício e a notoriedade dos personagens, representados nas estátuas ali encontradas, parecem-lhe indicar certa similaridade com o ambiente do Foro Imperial, espaço público destinado ao culto. Como a inscrição informa sobre a participação de Eumáquia em sua construção, portanto, sobre seu caráter privado, a exuberância deste edifício parece-lhe um sinal evidente da riqueza dessa pompeiana, cuja ostentação também foi manifestada no mausoléu que construiu para si mesma e para sua família (ÉTIENNE, 1971, p. 155).

Essa documentação, juntamente com outras referências da atuação feminina na vida pública, mostra que mulheres participavam, de uma maneira mais ou menos direta, das decisões comuns da comunidade, sendo razoável considerar que a sua participação na organização do espaço comunitário em que viviam sinalizava uma integração política nas esferas do poder local, portanto, muito diferente da representação de Eumáquia exibida no documentário *Pompéia – o último dia*, analisado a seguir. Os objetivos são refletir sobre as expectativas e pressupostos diante de uma análise do discurso documentário; considerar os resultados dessa produção a partir de sua inserção no universo contemporâneo em que foi realizado, verificando os aspectos históricos, estéticos, tecnológicos,

sociológicos, econômicos e políticos do ambiente de composição dessa narrativa (FERRO, 1992, p. 87) e confrontá-la com a documentação arqueológica encontrada na Pompeia Romana do século I d. C., com destaque para a questão de gênero.

Eumáquia: referências cinematográficas

O filme *Pompéia – o último dia* foi produzido pela TVE/BBC, da Grã-Bretanha, sob a direção de Peter Nicholson, em 2003, e lançado no Brasil pela Editora Abril, em 2005. Definido como um documentário, a proposta é apresentar as horas de angústia, temor e sofrimento pelas quais os pompeianos e, embora não mencionado, também os habitantes das vizinhas Herculano, Estábia e Oplontis, passaram na noite de 24 para 25 de agosto de 79 d. C., com a erupção do Vesúvio e o soterramento da cidade:

[...] mostrar os terríveis últimos momentos de uma cidade, apanhada na armadilha mortal de um vulcão. A 24 de Agosto do ano de 79 d.C., a cidade de Pompéia conheceu o seu fim devastador, quando o poderoso Vesúvio entrou em erupção, inundando os seus habitantes com pedras e cinzas (sinopse da versão brasileira).

A menção introdutória é a de recriar de forma realista e cativante o que aconteceu no último dia de Pompeia (151'). Essa afirmação nos leva a uma reflexão inicial sobre o dever de re-presentar a realidade atribuída ao documentário. Os debates sobre os limites de um filme ficcional e não ficcional ou documentário são amplos e controversos entre os estudiosos da área, nos quais se verificam argumentos favoráveis e contra a ideia de sua representação do real (BAZIN, 1993; AUMONT, 1988; CASSETTI, 1999; GUFREIND, 2006). Como menciona Penafria (2006, p. 2), os fatos históricos realmente ocorridos têm sido fonte de inspiração para alimentar essa discussão, em particular com o movimento documentarista britânico dos anos de 1930 e os movimentos de cinema realista da década de 1960,² que introduziram um tom sério e responsável ao documentário.

Entre as inúmeras questões postas para o cinema não ficcional, uma delas trata da singularidade ou não de seu estilo em relação ao ficcional. Como afirma Ramos (2002, p. 2), "no Brasil, reina de um modo difuso, mas uniforme, o discurso que reivindica a não especificidade do campo não ficcional." Mesmo compartilhando a ideia de que o documentário seja fruto de um processo de montagem e com uma dimensão narrativa, Ramos destaca que as tomadas da vida em seu acontecer imprevisto, indeterminado, ambíguo e não encenado, mostram a "capacidade de apreender a vida, o mundo, em seu transcorrer, no pingar de seu presente, conforme surge para o sujeito que sustenta a câmera"

² São eles os movimentos "Cinema direto", nos EUA; "Free Cinema", na França, e "Candid Camera" ou "Candid Eye", no Canadá. Cf. Penafria, 2006, p. 2.

(2002, p. 9-10), portanto, segundo sua argumentação, aí está a particularidade da produção não ficcional. Se essa é uma questão pertinente para a reflexão de um documentário que nos seja contemporâneo, está muito distante para uma produção inspirada em um acontecimento histórico longínquo, como o soterramento de Pompeia. Então, o que fundamentaria a sua definição como documentário?

Ainda para Ramos, existe um saber social prévio que estabelece distinções entre uma narrativa não ficcional e a ficcional, e que cria, de antemão, uma expectativa sobre o tipo de imagem e informação a ser vista. Desta maneira, o discurso documentário seria uma narrativa com imagens, composta por proposições que se apresentam como verdadeiras e que mantêm uma relação com a realidade que designa (RAMOS, 2002, p. 6). Por isso, o objetivo da produção de Pompeia, salientado na sinopse: “combinar espetaculares reconstituições, investigações de especialistas, maravilhosos efeitos digitais, e seguir um grupo de personagens centrais que inclui famílias inteiras, amantes, soldados e escravos”. A priori, há a constituição de um saber, baseado nos vestígios arqueológicos e nas pesquisas científicas, que pressupõe uma garantia do “real” ali apresentado.

A produção busca reconstruir o cenário histórico da antiga Pompeia Romana por meio de sofisticados recursos digitais. As investigações possibilitam enriquecer o conhecimento do ambiente com preciosos detalhes da vida cotidiana, apresentados na diversificação do figurino, dos alimentos consumidos, dos objetos ornamentais e de trabalho, e do exuberante cenário das construções públicas, bodegas, casas, prostíbulos, comércios e de suas estátuas, pinturas e mosaicos. A inserção de alguns personagens que viveram em Pompeia em 79 d.C., identificados em registros epigráficos ou literários, como a família dos aristocráticos Julius Polybius e Gaius Plinius Secundus; do casal proprietário de tinturarias (*officinae tinctoriae*, como mencionado anteriormente), Eumáquia e Sthephanus e o gladiador Celadus, realçam a sensação de verdade da projeção.

Em algumas passagens, percebe-se a fundamentação dos textos nas Cartas de Tácito, que registrou os relatos recebidos de Plínio, o Jovem, que presenciara o acontecimento ao visitar seu tio, Plínio, o Velho, uma das vítimas do gás venenoso (TÁCITO, 1976). Essas cartas revelam detalhes da erupção e os momentos de dor e de desespero vivenciados pelos habitantes de Pompeia (FEITOSA, 2003, p. 55-6).

É importante destacar que essa consideração pelo real coincide, em geral, com os objetivos dos realizadores do filme, que almejam alcançar um suposto realismo de seu conteúdo. Há o uso de estratégias para cativar o público e de tornar esse produto vendável, destinado ao mercado.

Apresentadas essas considerações, nos fixaremos na representação de gênero realizada para o casal Eumáquia e Sthephanus. Como mencionado anteriormente, vários são os vestígios materiais encontrados sobre Eumáquia e sua atuação na sociedade pompeiana. Em contrapartida, não há referências sobre o seu suposto esposo, Sthephanus. Este é apresentado no documentário como um bem-sucedido proprietário de tinturarias, de considerável fortuna e proprietário de escravos, e Eumáquia apenas como sua coadjuvante. Sem qualquer menção de sua participação na organização da cidade, ou como patrona dos *fullones*, é caracterizada, ao longo do filme, como uma mulher assustada e insegura diante do terremoto. Sua dependência do marido é minuciosamente construída no desenvolver da trama, na qual, constantemente, busca-o no emaranhado de desabamentos e ruínas em que se transformava Pompeia. Este perfil é tão acentuado que na única fala trocada pelo casal, logo no início do filme, o marido lhe diz: “Tente não parecer tão assustada, você é mulher de Sthephanus o agora!”. Por meio dessa frase, é cobrada de Eumáquia uma atitude de controle sobre si mesma e uma postura de autoridade, que parece adquirida por meio do casamento (“agora és mulher de Sthephanus!”).

Percebe-se que a representação feita de Eumáquia ainda é vinculada a uma tradicional abordagem historiográfica que confere ao homem o papel de comando, sobriedade e racionalidade sobre si mesmo e em sua atuação nos negócios familiares e públicos, e à mulher e a outros “comandados” a natural função de passividade, submissão e falta de controle emocional e social (VEYNE, 1990; QUIGNARD, 1994; GALÁN, 1996). É nessa visão tradicional da história, a respeito da distribuição dos papéis sociais, que ainda se funda o imaginário ocidental; portanto, completamente desconectado das redefinições das atuações alicerçadas na documentação arqueológica. E é isso que mais nos chama a atenção, uma vez que a proposta inicial do documentário é a de uma análise das fontes materiais pompeianas. Há uma reconstituição do espaço, de objetos e de alguns nomes que induzem pressupor uma conexão e recriação do passado, mas cujas relações sociais baseiam-se ainda em pressupostos já intensamente questionados.

Dessa maneira, como afirma Ramos, “o que é documentário, na realidade, faz parte de uma estratégia provocativa, de conquistar espaço...” (2002, p. 5), ou Penafria, “a classificação de um filme importa muito menos que o modo como olhamos e somos olhados pelo cinema...” (2006, p. 1). Nesse sentido, as relações de gênero apresentadas em *Pompéia – o último dia*, estão muito distantes de uma apresentação do real, mas intrinsecamente relacionadas ao nosso imaginário sobre as relações entre o feminino e o masculino na Antiguidade Romana.

Abstract: *Cine and Archaeology: conceptions of gender from roman Pompeii*

In Gender and Archaeology are presented new considerations about women researches and gender in the Roman society of first century a. C. It is analyzed the social female performance, particularly the case of Eumáquia from material fonts obtained in the archaeology site of Roman Pompeii.

Through the archaeological investigation it is proposed a reconsideration about Eumáquia like she has been considered at the documentary "Pompeii – the last day". The reflections go on the 'documentary' as well the conflict involving material fonts about gender in the Roman society in one side and the common sense perceptions translated to the Antiquity by another one.

Keywords: *Cine, archaeology; gender*

Agradecimentos

Agradeço a Glaydson José da Silva, Fábio Faversoni, Pedro Paulo Funari e Murilo César Soares. Também o apoio institucional do Grupo de Pesquisa Mídia e Sociedade (CNPq), do Departamento de Ciências Humanas da FAAC, Unesp, campus de Bauru, e do Centro do Pensamento Antigo (CPA) e do Núcleo de Estudos Estratégicos, ambos da Unicamp. As ideias aqui apresentadas são de responsabilidade da autora.

Recebido para publicação em março de 2009.

Referências

- AUMONT, J. *La analyse des films*. Paris: Nathan, 1988.
- BAZIN, A. *Qu'est-ce que le cinema?* Paris: Cerf, 1993.
- BERNSTEIN, F. S. *The public role of Pompeian women*. Michigan: Ann Arbor, 1987.
- BESSA, K. A. M. (Org.). *Trajetórias do gênero, masculinidades...* Cadernos Pagu, v. 11, 1998.
- BOATWRIGHT, M. T. Pancia Magna of Perge: women's roles and status in Roman Asia Minor. In: POMEROY, S. (Ed.). *Women's history and ancient history*. London: The University of North Carolina Press, 1991.

- CAMERON, A., KUHRT, A. (Eds.). *Images of women in antiquity*. Detroit: Wayne State University Press, 1983.
- CAPLAN, P. (Ed.) *The Cultural construction of sexuality*. 7. ed. London: Routledge, 1996.
- CASSETTI, F. *Les théories du cinéma depuis 1945*. Paris: Nathan, 1999.
- CIL – *Corpus Inscriptionum Latinarum*. v. IV. Berlim: Akademie Verlag, desde 1863.
- D'AVINO, M. *La donna a Pompei*. Napoli: Loffredo, 1964.
- D'ORAZIO, L., MARTUSCELLI, E. *Textiles in Pompeii: technology, industry and commerce*. In: CIARALLO, A., de CAROLIS, E. (Ed.). *Pompeii. Life in a Roman town*. Mila: Electa, 1999. p. 92-94.
- de FRANCISCIS, A. *Pompeii, civiltà e arte*. Museo Archeologico di Napoli. Oplontis, Ercolano, Stabiae. Napoli: Interdipress, s. d.
- DIMOPOULOU, A. *Medica, obstretrix, nutrix: les femmes dans les métiers médicaux et paramédicaux dans l'Antiquité grecques et romaine*. Saitabi, v. 49, p. 273-287, 1999.
- ÉTIENNE, R. *La vida cotidiana en Pompeya*. Traducción de Jose A. Miguel. Madrid: Aguilar, 1971.
- FEITOSA, L. C. *Amor e sexualidade. O masculino e o feminino em grafites de Pompéia*. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2005.
- FEITOSA, L. C., FAVERSANI, F. *Sobre o feminino e a cidadania em Pompéia*. Pyrenae, Barcelona, n. 33/34, p. 253-259, 2002/03.
- FERRO, M. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FOLEY, H. P. (Ed.) *Reflections of women in antiquity*. New York: Gordon and Breach Science Publishers, 1981.
- FUNARI, P. P. A. *A vida quotidiana na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume, 2005.
- FUNARI, P. P. A. *Romanas por elas mesmas*. Cadernos Pagu (Campinas), n. 5, p. 179-200, 1995.
- FUNARI, P. P., FEITOSA, L. C., SILVA, G. J. *Amor, desejo e poder na Antigüidade: relações de gênero e representações do feminino*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.
- GALÁN, J. E. *La vida amorosa en Roma*. Madrid: Temas de Hoy, 1996.
- GUFREIND, C. *O filme e a representação do real*. Publicação do 15º Encontro Anual do COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UNESP/Bauru, 6 a 9 jun. 2006.
- HEILBORN, M. L. *Fazendo gênero? A Antropologia da mulher no Brasil*. In: COSTA, A. O., BRUSCHINI, C. (Org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p.93-126.
- HEMELRIJK, E. A. *Matrona docta. Educated women in the Roman from Cornelia to Julia Domna*. London/New York: Routledge, 1999.
- KAMPEN, N. *Image and status: Roman working women in Ostia*. Berlin: Mann, 1981.

LeGALL, J. *Metiers des femmes ou Corpus Inscriptionum*. REL, v. 47 bis, p. 123-130, 1970.

LÓPEZ, C. M. *Las mujeres en el mundo antiguo. Una nueva perspectiva para reinterpretar las sociedades antiguas*. In: MAMPASO, M. J. R. et alli (Ed.). *Roles sexuales. La mujer en la historia y la cultura*. Madrid: Clasica, 1994.

MONTERRAT, D. *Reading gender in the Roman World*. In: HUSKINSON, J. (Ed.) *Experiencing Rome. Culture, identity and power in the Roman Empire*. Oxford: Routledge, 2000. p. 153-182.

NICOLET, C. *O cidadão e o político*. In: GIARDINA, A. *O homem romano*. Tradução de Maria J. V. Figueiredo. Lisboa: Presença, 1992.

PANTEL, P. S. *A história das mulheres na história da Antigüidade, hoje*. In: DUBY, G., PERROT, M. (Dir.) *História das mulheres no Ocidente. A Antigüidade*. Tradução de Coelho, M. H. C. et alli. v. 1. Porto: Afrontamento, 1993. p. 591-603.

PENAFRIA, M. *O Documentarismo do cinema. Uma reflexão sobre o filme documentário*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, p. 1-6. Portugal, 2006.

PERROT, M. *Práticas da Memória Feminina*. Tradução de Cláudio H. de M. Batalha e Miriam P. Grossi. *Revista Brasileira de História*, v. 9, nº 18, p. 9-18, ago./set. São Paulo: 1989.

QUIGNARD, P. *Le sexe et l'effroi*. Paris: Gallimard, 1994.

RABINOWITZ, N. S., RICHLIN, A. (Ed.) *Feminist theory and the classics*. New York: Routledge, 1993.

RAGO, M. *Epistemologia feminista, gênero e história*. In: PEDRO, J., GROSSI, P. (Orgs.) *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. das Mulheres, 1998.

RAMOS, F. P. *O que é Documentário?* Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, p. 1-11. Portugal, 2002.

RAWSON, B. *From 'daily' life to 'demography'*. In: HAWLEY, R., LEVICK, B. *Women in Antiquity*. London: Routledge, 1995. p. 1-20.

SAVUNEN, L. *Women and elections in Pompeii*. In: HAWLEY, R., LEVICK, B. *Women in Antiquity*. London: Routledge, 1995.

SCOTT, J. *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1988.

_____. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade: gênero e educação*, v. 20, nº 2, p. 71-99, jul./dez., 1995.

SENA, J. *Amor e outros verbetes*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.

SKINNER, M. Introduction. In: HALLETT, J. P., SKINNER, M. B. (Ed.). *Roman sexualities*. New Jersey: Princeton, 1997. p. 3-25.

TÁCITO, C. *Plinius Tacito suo s.*, VI, 16 e 20. In: COARELLI, F. (Coord.) *Guida Archeologica di Pompei*. Napoli: Arnoldo Mondadori, 1976. p. 74-81.

TANZER, H. H. *The common people of Pompei. A study of the graffiti*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1939.

TILLY, L. A. *Genre, histoire des femmes et histoire sociale*. *Génesis*, v. 2, p. 48-166, 1990.

TREGGIARI, S. *Jobs for women*. *AJAH*, 1, p. 76-104, 1976.

_____. *Jobs in the Household of Livia*. *PBSR*, 43, n° 30, p. 48-77, 1975.

_____. *Questions on women domestics in the Roman west*. In: *Schiavitù, manumissione e classi dipendenti nel mondo antico*. Atti del Colloquio Internazionale su la Schiavitù. Roma: L'Erma, 1981. p. 185-201.

VARONE, A. MARTURANO, A. *L'eruzione vesuviana del 24 agosto del 79 d. C. attraverso le lettere di Plinio il Giovane e le nuove evidenze archeologiche*. *Rivista di Studi Pompeiani*. Associazione Internazionale amici di Pompei. Roma: L'Erma, v. VIII, p. 57-72, 1997.

VEYNE, P. (Org.). *O Império Romano*. In: ARIÈS, F., DUBY, G. (Dir.). *História da vida privada. Do Império Romano ao ano mil*. Tradução de Hildegard Feist. v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

http://www.dvdpt.com/p/pompeia_o_ultimo_dia.php. Acesso em 8/9/2008.